

O testemunho ético-político-laboral da realização humana em Lima Vaz

Atilio Machado Peppe¹

Resumo: Esta comunicação assume a trajetória de Lima Vaz traduzida na sua extensa obra filosófica, testemunho exemplar de *realização* humana efetiva. Com base em nossa tese doutoral aprovada na Filosofia da PUC-SP, sobre a centralidade do trabalho e da tecnociência na construção da ética filosófica vaziana, vê-se que aquele testemunho constitui resposta qualificada aos desafios cruciais representados pela dramática *tragédia no ético da modernidade contemporânea*. A formulação vaziana da *dialética intrínseca do trabalho* rumo à *humanização* possível da *civilização tecnocientífica*, permitiu-nos propor a revitalização da categoria de *comunidade ética* na emergência histórica contemporânea dos arranjos sociais que denominamos *comunidades ético-político-laborais* (CEPOLs). São experiências de coesão comunitária transformadora atuantes no coração das *organizações*, propiciadoras de *realização* humana comprometida com sociedades melhores.

Palavras-chave: trabalho humano; tecnociência; comunidades ético-político-laborais; sociedade democrática.

INTRODUÇÃO

Privilegiamos nesta comunicação os desdobramentos histórico-culturais do testemunho existencial de *realização* vaziana enquanto vida vivida que transborda na sua abordagem filosófica da realidade. A partir de cada missão bem desempenhada, Lima Vaz alcançou a reconhecida pertinência de sua resposta ao *desafio ético-político-laboral* da *arete* (*excelência*) por meio dos frutos de *realização* contínua de si em interação sempre mais solidária com a construção de um mundo melhor.

No início de junho de 2020 alcançamos a aprovação de nossa tese doutoral, pelo programa de Filosofia da PUC-SP, focada na centralidade do *trabalho* e da *tecnociência* na ética filosófica de Lima Vaz². Ainda que não especificamente dedicada ao tema da *realização humana*, a tese afirma a importância central dessa categoria porque ressalta o empenho dos *sujeitos morais* na superação progressiva da *cisão* civilizacional diagnosticada como *tragédia no ético da modernidade*. E o faz com ênfase na disseminação histórica de *comunidades éticas* que se atualizam nos arranjos sociais denominados *comunidades ético-político-laborais*

1 Doutor em Filosofia na PUC-SP e Mestre em Ciência Política pela USP; comunicação no XIII Colóquio Vaziano promovido por teleconferência pela FAJE – Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, Belo Horizonte, de 19 a 21/08/2020.

2 PEPPE, Atilio Machado. *Trabalho e tecnociência na ética filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz*, tese doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Perine, aprovada em 05/06/2020, mimeo, 307 pp.

(CEPOLs)³. Surgem subjacentes às múltiplas *organizações* operantes nas sociedades contemporâneas, emergência de experiências pessoais/coletivas transformadoras centradas no equacionamento do grave desafio de *humanização* do trabalho e da tecnociência sob a égide do *novo horizonte ético pluriversal dialógico do bem viver* propugnado pela filosofia vaziana.

Desde meados da década de 1970 Lima Vaz centrou seu projeto na exigência de ajudar a superar o problema teórico-prático crucial da *tragédia no ético da modernidade* tematizada pelo jovem Hegel. A obra póstuma vaziana, publicada em 2014, sobre a formação do pensamento de Hegel⁴ identificou ali a aporia de gestação do sistema filosófico hegeliano: a falta de unidade da vida social contemporânea como decorrência da hegemonia dilaceradora dos interesses econômicos individuais impregnados na “sociedade civil” enquanto “sistema de necessidades”. Lima Vaz reverberou aquela “trágica cisão” civilizacional que permanece até hoje irresolvida: “como repensar a unidade da sociedade a partir do dado fundamental do *trabalho livre* (...) que se apresenta no mercado, e não da economia escrava que reinava anteriormente?”, quando o *trabalho* não fazia parte da auto-compreensão da vida política (LIMA VAZ, 2014, pp. 184-186). Concebe, então, seu projeto filosófico “de delinear um *novo horizonte de universalidade ética* que permita pensar a prática da liberdade e a garantia dos direitos nas sociedades políticas modernas” aturdidas pela supremacia problemática da Razão instrumental tecnoburocrática estruturalmente incapaz de prover fins integradores ao tecido histórico-existencial das culturas⁵.

Confrontada pela crise civilizacional, amadurece a opção praxiológica assumida por Lima Vaz desde o início do seu projeto filosófico. A partir daí privilegiamos em nossa tese a leitura diacrônica da trajetória existencial refletida na produção filosófica de Lima Vaz engajadas no esclarecimento crítico de tensões reais de pessoas e coletividades: interlocuções densas de natureza política, cultural, eclesial, acadêmica, teológico-pastoral, socioeconômica, doutrinal, científico-filosófica e ideológica. Em diálogo com a *intencionalidade praxiológica* da filosofia vaziana configurada à luz da sua *metafísica da existência*, traçamos a pergunta-chave de nossa tese: “A busca de um *novo horizonte ético pluriversal dialógico de integração ético-política da vida social*, associado à eclosão de *comunidades éticas* (compreendidas como *comunidades ético-político-laborais - CEPOLs*), estaria demonstrando alguma efetividade histórica na superação da *tragédia no ético da modernidade contemporânea* por intermédio daquelas *CEPOLs*?” (PEPPE, 2020, p. 27).

Assim, começamos por sublinhar a integração gnosiológica da Ética e da Metafísica vazianas com sua Antropologia Filosófica integral. Ao mesmo tempo que sua ética dialética,

3 PEPPE, Atilio Machado. “Comunidades ético-político-laborais para uma sociedade democrática”, comunicação no XI Colóquio Vaziano sobre “Democracia e Sociedade: conquistas e desafios”, realizado em Belo Horizonte, FAJE – Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, 24 e 25/05/2018, Revista AnnalesFAJE, v.3, n.4, 2018, pp. 67-81.

4 LIMA VAZ, Henrique C. de. *A formação do pensamento de Hegel*, São Paulo: Edições Loyola e FAPEMIG, Obra filosófica inédita, 254 pp., 2014.

5 LIMA VAZ, H. Cláudio de. “Sociedade civil e Estado em Hegel”, Belo Horizonte: Revista Síntese, v.7, n.19, 1980c, p. 27.

imersa no horizonte metafísico do Bem, emposta os problemas históricos da crise civilizacional em curso, revela-se visceralmente imbricada com aquela antropologia filosófica debruçada sobre a complexidade ontológica do fenômeno humano. É a *unidade* fundamental do *ser* e do *dever* humano sempre desafiados a desenvolvê-la em meio à multiplicidade dispersante dos seres e situações via de regra conflitantes.

O método dialético dessa rememoração conceptualizante vaziana, voltada para o enfrentamento dos desafios cruciais de cada tempo histórico, culmina com as categorias antropológicas totalizantes de *realização* e *pessoa*. Os sujeitos da ação expressam o desafio de sua *autoafirmação* no mundo, em meio às incertezas e riscos, pela busca incessante de *realização* da própria existência. E esta depende decisivamente da qualidade das *relações* com os outros *eus* no mundo, que também aspiram por *realização* rumo à plenitude compartilhada de sentido personalizante para a existência.

“TORNA-TE O QUE ÉS” À LUZ DO “CONHECE-TE A TI MESMO”

Para nós, a dinâmica de *autorrealização* humana necessariamente inscrita na eticidade concreta da vida, dá-se nas condições históricas das *comunidades ético-político-laborais* e similares. A Antropologia Filosófica vaziana esclarece a força de impulsão interior da antiga máxima “torna-te o que és”. Privilegia a *personalidade moral* em processo permanente de amadurecimento em busca da excelência no conhecimento e na prática do *Bem*. Tal é o fundamento normativo da existência que orienta a *realização* compartilhada das vidas humanas historicamente situadas.

O aforismo “Torna-te quem tu és” (*Genói oíos essí matón*) remete ao poeta grego Píndaro (517 a 437 a.C.), que o registra em seu escrito *Odes Triunfais* ou *Epinícios*, dedicada às festas pan-helênicas, em louvor das façanhas heroicas dos atletas nos jogos olímpicos. Píndaro era pouco menos de cinquenta anos mais velho do que Sócrates. Passou parte de sua vida em Atenas, onde, inclusive, estudou as tradições helênicas em Delfos, sede do Oráculo de adoração do deus Apolo, onde Sócrates teria priorizado a máxima “Conhece-te a ti mesmo” (*Gnosi seautón*), referência originária da filosofia militante de sua maturidade.

Segundo Werner Jaeger, na obra-prima *Paidéia*⁶, a poesia de Píndaro emerge da religiosidade aristocrática da velha Grécia, compartilhada pelo poeta, ao exaltar nos heróis olímpicos “o apogeu do divino na forma humana elevada à ‘perfeição’, acima do nível terreno (...), para se aproximar do modelo dos deuses em forma humana.” (JAEGER, 2003, p. 250-251). Remete à *arete* (*excelência*) triunfante dos esportistas vencedores das olimpíadas celebradas em toda a Grécia desde os tempos arcaicos. Era símbolo da cultura aristocrática já decadente na Grécia das cidades-estado do século V a.C. Foi daquela primitiva cultura aristocrática grega que nasceu o “ideal definido de homem superior”.

6 JAEGER, Werner. *Paidéia – A formação do homem grego*, São Paulo: Martins Fontes, trad. Artur M. Parreira, 2003, 1416pp. Lima Vaz se comprazia em recomendá-la para os alunos.

Por mais que se possa identificar alguma proximidade histórica e semântica entre as máximas *Torna-te o que és* e *Conhece-te a ti mesmo*, o filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), em várias de suas obras, se distanciará deliberadamente da interpretação socrática do *Conhece-te a ti mesmo*, para acentuar aquele ideal aristocrático de *arete* exaltado pelo poeta Píndaro na sentença *Torna-te o que és*. Assim, difere visceralmente da compreensão vaziana relativa à categoria de *realização* humana.

Artigo do filósofo Luciano Gomes Brazil⁷ demonstra que a confrontação entre as referidas máximas da tradição grega reflete a sistemática rivalidade do pensamento de Nietzsche com a figura de Sócrates e a filosofia ocidental de raízes socráticas. Nietzsche, em grande parte dos seus escritos, contrapõe sua primordial “compreensão trágica da existência”, notadamente impermeável às prescrições éticas, à compreensão moral da vida introduzida pela interpretação socrática da sentença apolínea *Conhece-te a ti mesmo*. A cosmovisão trágica e dionisíaca de Nietzsche rejeita a ênfase moral daquele autoconhecimento, porque, para ele, “os heróis trágicos vivem um destino intransferível que não pode ser medido moralmente” (BRAZIL, 2012, p. 37).⁴

Na sua *Antropologia Filosófica 1*, Lima Vaz⁸ explicita sua crítica aos limites do conceito nietzschiano de *realização* humana. Na medida em que o imanentismo radical de Nietzsche implica a rejeição de toda possibilidade de transcendência objetiva e subjetiva, entrega-se à corrente moderna de *desconstrução* sistemática da cultura ocidental sustentada sobre os pilares ideonômicos e teonômicos da *metafísica do ser*. Para ele, a *realização* é propugnada na perspectiva do *devir* (*tornar-se, inventar-se*) que promove a transição para a figura do “super-homem”. Este será “o homem do *niilismo afirmativo*, aquele que rompeu com a angústia mortífera da religião e da metafísica. Ele é o indivíduo capaz de pensar e de viver o movimento incessante e múltiplo da vontade de poder”, na perspectiva metafísica do “terrível eterno retorno do mesmo”.^{8F⁹}

Em contraste com a metafísica *nietzschiana* que radicaliza o *niilismo* cultural em razão do intento de “*desconstrução* dos valores éticos consagrados pela experiência dos séculos”¹⁰, a filosofia vaziana considera que o apelo do *Torna-te o que és* refere-se sobretudo ao *dever-ser* da tarefa intrínseca de *plena realização* existencial inerente ao indivíduo humano. Ele encontra em si, desde sua concepção, a condição essencial de *pessoa moral* enquanto núcleo profundo de *interioridade espiritual* aberta ao Absoluto transcendente real, que exige desenvolvimento pessoal contínuo ao longo da vida.

7 BRAZIL, Luciano Gomes. “Do ‘conhece-te a ti mesmo’ ao ‘torna-te o que tu és’: Nietzsche contra Sócrates em *Ecce Homo*”, Rio de Janeiro: Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 5, n° 2, 2º semestre de 2012, pp. 30-45.

8 LIMA VAZ, Henrique C. de. *Antropologia filosófica I*, São Paulo: Edições Loyola, 2004, pp. 102, 124-127.

9 HOTTOIS, Gilbert. *Do Renascimento à Pós-Modernidade – Uma história da filosofia moderna e contemporânea*, Aparecida, SP: Ideias e Letras, trad. Ivo Storniolo, 2008, 696 pp.

10 LIMA VAZ, Henrique C. de. *Introdução à ética filosófica I*, São Paulo: Loyola, 3ª edição, 2006, 486 pp., p. 59.

Para Lima Vaz, tal expressividade ética essencial do *Eu sou pessoal* condiz perfeitamente com a concepção socrática original do “humano”, contida no preceito délfico sobrevalorizado por Sócrates, o *Conhece-te a ti mesmo* (*gnôthi sautón*), inscrito no portal do Templo de Apolo, em Delfos. Convidava o indivíduo a acessar a própria interioridade para constatar sua frágil condição mortal contrastada com a imortalidade dos deuses. Atitude acessível somente à humilde “douta ignorância”, a fim de decidir seu caminho à luz do justo ou do injusto segundo o saber moral consagrado pela compreensão do *bem viver* presente na porção mais elevada do *ethos* grego.

Nesse núcleo interior do indivíduo, Sócrates descobre a latência da “alma” (*psyqué*) essencialmente moral, inclinada à realização consciente do *Bem* (*to agathon*). Trata-se da *vida interior*, capaz de ultrapassar a simples submissão aos determinismos do *Destino* (*Moirá*), da *Natureza* (*physis*) e das *opiniões* aleatórias (*dóxa*), por meio do exercício da *autarquia* (liberdade racional) do sujeito ético, no fundo da qual se revela a verdadeira grandeza do homem. A referida primazia do *homem interior* expressa a medida mais elevada da nova *arete* sediada na *alma* do cidadão livre da pólis. Trata-se da excelência de uma vida virtuosa no *bem*. Tal é a *realização* humana suprema a ser cultivada durante a vida, com o influxo decisivo de um processo educativo integral. Trata-se da *paidéia* ou formação contínua do *melhor* ser humano possível situado na relação com os outros e com o mundo.^{13F}

O DESAFIO ÉTICO-POLÍTICO-LABORAL DA REALIZAÇÃO

O eixo da temática deste Colóquio Vaziano consiste na passagem da auto-expressão do *Eu sou* do sujeito sob a égide da *essência* pessoal (*ipseidade*, ou presença a si mesmo) para a dimensão *relacional* ou *intersubjetiva* (*alteridade* do sujeito) situada historicamente nas múltiplas interações com-os-outros-no-mundo, a qual se funda na relação de *transcendência* com o Outro absoluto. Lima Vaz, no início do capítulo sobre a categoria da *realização*^{14F}, esclarece muito bem essa *dialética intrínseca da ipseidade na alteridade* que assegura “a *unidade do sujeito* em face do risco de sua dispersão no espaço do mundo”¹¹.

A categoria totalizante de *realização* (ou *autorealização*) da pessoa emerge, precisamente, dessa *necessidade* que todo ser humano experimenta de buscar a *unificação* progressiva do seu ser. No curso desse esforço, aquela unidade *ontológica* primigênia, via exercício dos *atos* autenticamente humanos, deve *tornar-se* cada vez mais unidade *existencial* dinâmica nas relações com o mundo, com a História e com a infinitude do Ser, rumo à “vitória definitiva da vida no embate abissalmente profundo com a morte.” É ao longo desse processo de *unificação* do ser que o “*torna-te o que és* tem lugar plenamente nos *atos* pelos quais o sujeito se realiza” na integração do seu *ser* pessoal pela efetivação do *dever-ser* da *excelência* ética (*arete*) de sua práxis (LIMA VAZ, 1992, pp. 145-146).^{16F}

11 LIMA VAZ, Henrique C. de. “Categoria da Realização” in Antropologia filosófica II, São Paulo: Edições Loyola, 1992, pp. 141-187, pp. 141-142.

A *tarefa da autorealização* constitui para cada ser humano um *desafio* constante de afirmação das potencialidades do *ser*, em meio à multiplicidade das *circunstâncias* e *riscos* históricos que, não raro, podem conduzir à frustração da existência. Juntamente com a responsabilidade intransferível que lhe compete, necessita do suporte coletivo de uma *paidéia* capaz de favorecer o contínuo crescimento da *personalidade* associada à *livre escolha* pessoal do *belo* e do *bom* presentes nas esferas de imanência e transcendência da vida regida pela melhor *arete* possível.

Por conseguinte, “o problema da realização humana nas condições concretas em que o homem vive o *ethos* de sua comunidade histórica, ou seja, da sua cultura, é posto definitivamente sob a égide da Ética”. Lima Vaz adverte que a desarticulação moderna desse paradigma conceitual “está entre as causas profundas do aparecimento do *niilismo* ético na civilização contemporânea”. Dá lugar ao predomínio unilateral da racionalidade *tecno-poiética* subjacente ao *produtivismo* desumanizante “que passou a predominar na concepção moderna do homem e da sociedade”, em detrimento da *práxis*, pela qual o homem existe sensatamente na ação (LIMA VAZ, 1992, p. 160-162).^{17F}

No contexto de fragmentação dos antigos ideais de *arete*, em meio à *pluralidade* crescente de universos culturais disseminados pelo mundo contemporâneo, surge a “*aporética crítica* da categoria de *realização*” do homem atual diante do seguinte *drama existencial*: “a oposição entre a tendência constitutiva a *ser-mais*, apontando para um *polo ideal de realização* (...); e o peso das limitações existenciais imobilizando o indivíduo na rotina de simplesmente *ser*”. Sobressai aí o peso dos condicionamentos impostos pela multiplicidade sufocante de poderosas circunstâncias “naturais, histórico-culturais e existenciais” (LIMA VAZ, 1992, p. 171). E dentre elas, avulta sempre mais o avanço vertiginoso de uma *civilização tecnocientífica* onipresente no cotidiano das pessoas e instituições, que, desorientada por interesses espúrios insidiosos, provoca graves distorções nas *relações de trabalho* e nos *modos de vida* em geral.

O capítulo da nossa tese sobre a *compreensão filosófica do trabalho* ressalta as graves distorções e precarizações que deterioram o mundo do trabalho contemporâneo. Tendem, via de regra, a tornar os indivíduos que precisam trabalhar para sobreviver, reféns de dois paradigmas dominantes quanto ao sentido do trabalho nos contextos socioeconômicos. Na mundivisão marxista clássica, o trabalho situado na base do “modo de produção capitalista” é *essencialmente alienado* [perda da própria identidade] e *reificado* [*coisificação* das realidades], enquanto a humanidade não alcançar o “reino da liberdade” na conquista revolucionária de uma sociedade igualitária dos livres produtores associados (o *comunismo*). Essa utopia da sociedade desalienada depende de uma antropologia imanentista que define o homem como “ser produtor” da própria existência e do mundo, por intermédio das relações sociais de trabalho tidas como núcleo ontológico último do ser humano. Logo, todo aquele que não se insurge contra a situação sistêmica de *alienação/reificação*, estaria, consciente ou inconscientemente, perpetuando a exploração do ser humano, bem como, a sua frustração existencial.

Tão ou mais reducionista que a referida mundivisão da tradição marxista, é a posição teórica e prática do economicismo ideológico neoliberal predominante no mundo capitalista globalizado. Ela reduz o ser humano a um mero “fator de produção” utilitário subordinado aos interesses lucrativos e produtivistas dos empreendimentos econômicos dentro do processo de geração de riqueza para o mercado. Essa mundivisão dominante na maioria das nossas sociedades menospreza os anseios legítimos de realização integral das pessoas que trabalham, negando para a grande maioria condições decentes de atividade laboral compatíveis com a dignidade humana e o ideal de coesão social na justiça.

Para o desenvolvimento plural de autênticas “*paideias*” (processos político-educativos) é preciso cultivar mundivisões similares àquela que vimos estudando na obra e na vida de Lima Vaz. Nelas, a autoafirmação do *sujeito* como *ser* em amadurecimento postula a concretude sócio-histórica do *reconhecimento recíproco* na esfera das *relações intersubjetivas*, necessariamente articuladas com a experiência transcendental do Absoluto fundante da existência pautada no *bem viver (eu zên)*. A consequência fundamental dessa experiência vital da eticidade do processo de *realização* consiste em conceder à práxis do *bem viver* a prerrogativa de regular eticamente as atividades de produção (*techné* ou *poiesis*), orientando o sentido humanizante de *realização* integrada da pessoa e da sociedade.

É dessa profunda ontologia existencial do humano que se desenvolve a *dialética intrínseca do trabalho* articulada pela filosofia vaziana, sobretudo no artigo seminal de 1966, *Trabalho e Contemplação*, que pretende dar o “verdadeiro sentido e o caminho para a crítica e a superação da alienação do trabalho”¹².

O ser humano se experimenta como *sujeito* situado no mundo interrogando-se sobre o sentido da existência que encontra na realidade do trabalho uma das expressões fundamentais do seu *ser*. Experimenta o *trabalho* como o *ato humano* de transformação da natureza e humanização da pessoa em sociedade, na medida em que é *mediação* primordial de comunicação das pessoas entre si por intermédio da natureza humanamente significada pelo trabalho. A *relação objetiva de trabalho*, na qual o labor humano visa a perfeição da obra em produção, é supressumida pela *relação intersubjetiva de trabalho*. Esta revela a primazia ontológica da pessoa humana e da sua *intercomunicação* mediada pela natureza humanizada pelo trabalho. Sem desconhecer as graves distorções infiltradas nas configurações históricas do processo em questão, é possível reconhecer na *relação intersubjetiva de trabalho* a latência de um finalismo da *práxis* virtuosa livremente orientada para o *bem comum* em vista da perfeição/autorealização dos sujeitos operantes nas *comunidades* humanas que são, por isso mesmo, intrinsecamente éticas.

Portanto, a *dialética intrínseca do trabalho* redimensionada pela filosofia vaziana permite compreender que o *trabalho* humano, enquanto tal, seja qual for o sistema socioeconômico dentro do qual se exerce, *não é* ontologicamente alienado e, muito menos, um simples

12 LIMA VAZ, Henrique C. de. “Trabalho e contemplação”, in *Escritos de Filosofia I – Problemas de Fronteira*, São Paulo: Loyola, 3ª edição, 2002, original publicado em 1966, pp. 122-140.

instrumento de produção. Precisa sempre ser compreendido como uma das grandes capacidades/atividades definidoras da humanidade do *homo sapiens*, que este, no exercício de sua consciência moral livre e racional, nunca deixou de exercitar historicamente nas práticas cotidianas de trabalho com algum grau de sucesso entremeado pelos fracassos. Mesmo assim, é preciso perceber que as relações sociais de trabalho e seus agentes são passíveis de sofrer pungentes *alienações*, assim como toda a condição humana. Tais alienações, porém, constituem fenômenos fáticos sociologicamente verificáveis, que devem ser combatidos, e não um arcabouço ontológico intrínseco à natureza de algum *ser social total* teoricamente definido.

Sem dúvida, conteúdos instrumentais, utilitários, pragmáticos e competitivos sempre envolvem as relações de trabalho das *organizações* privadas e públicas entrelaçadas com suas respectivas *comunidades ético-político-laborais* (CEPOLs). Porém, tais relações somente se concretizam e cumprem seu papel por meio do desenvolvimento de um conjunto de predicados de caráter eminentemente ético e político. Trata-se de *virtudes laborais* pessoais, profissionais, que combinam várias *capacidades, habilidades e atitudes típicas* dos *agentes de experiências laborais*. São competências e atitudes existenciais que expressam, em qualquer contexto socioeconômico, o desenvolvimento possível da *personalidade moral* das pessoas, que, muitas vezes, contrariam expectativas mesquinhas das organizações e do Estado vigentes.

Exemplos dessas qualidades: convívio humano colaborativo, solidariedade ativa, cooperação produtiva, proatividade dinâmica, senso crítico, disciplina, capacidade de concentração, autoestima irradiante, honestidade, coragem, sociabilidade e comunicabilidade. É no húmus dessas capacidades fortemente enraizadas na vida laboral que se assentam as organizações e suas CEPOLs transformacionais! Por isso, enquanto *comunidades éticas* contemporâneas, além de *éticas* e *políticas*, são originariamente *laborais*. Correspondem a uma verdadeira *arete* contemporânea, exercitadas primariamente nos contextos da vida laboral pudes de profunda eticidade e politicidade. Tais predicados qualificam a pessoa responsável, o profissional competente, produtivo e crítico, o consumidor consciente e o cidadão participativo da vida democrática. Configuram perfis que tendem a melhorar a qualidade e o desempenho das *organizações-suporte*, das CEPOLs e das *sociedades* a que pertencem tais tipos de pessoas.

Com o advento de uma modernidade marcada pelo viés ultra individualista, racionalista e pragmático, muitas *comunidades tradicionais* tornaram-se anacrônicas e obsoletas, caso típico de clãs, famílias patriarcais, grupos religiosos, unidades etnoculturais. Surge desse fenômeno a conseqüente aporia de depreciação das *comunidades éticas* formulada por Lima Vaz: como recompor, no mundo contemporâneo, “a comunidade humana enquanto *comunidade ética* e como fundar sobre a dimensão essencialmente ética do ser social a comunidade política democrática e solidária?”¹³ Nesse passo, lança a *questão* mais perturbadora para a consistência teórica e a viabilidade prática das *comunidades éticas*: como assumi-las enquanto

13 LIMA VAZ, Henrique C. de. “Ética e política”, Belo Horizonte: Loyola, v. 10, n. 29, 1983b, pp. 5-10, p. 9.

paradigma “da existência social das pessoas se elas são atingidas na sua própria essência pela ideologia individualista” do mundo contemporâneo?¹⁴

A partir do estudo do movimento histórico de humanização do trabalho concomitante com a técnica nesta era contemporânea da civilização ocidental, vislumbramos, primeiramente no contexto do mundo laboral contemporâneo, a emergência de *comunidades éticas* reinventadas pelas *comunidades ético-político-laborais* (CEPOLs). Identificamos o movimento de uma tríade dialética da *humanização* do trabalho e da tecnociência: a *universalidade* abstrata inicial da ideia de *humanização*, depois de *particularizar-se* difusamente nas formas sociohistóricas de organização do trabalho e da técnica, se torna concreta e operante em determinados períodos e lugares da civilização, a partir daí suprassumidos pela *singularidade* transformadora das CEPOLs e arranjos similares. Contudo, as CEPOLs não são panaceia de definitiva reconciliação dos conflitos humanos e sociais, mas construção trabalhosa, perfectível e sempre recomeçada de convivialidade transformadora.

Mapeamos um rol extenso de *entes sociais* ou *organizações* com potencial de constituição da enorme multiplicidade de CEPOLs atuantes em muitas áreas de atividade humana. Por exemplo: mundo empresarial, sindical, cooperativista, universitário, educacional, área de saúde, instâncias de desenvolvimento tecnológico e científico, movimentos sociais, economia social solidária e seus empreendimentos, redes sociais informatizadas, esfera das sociedades políticas nacionais cujos *estados democráticos de direito* contemporâneos constituem protótipos e celeiro de CEPOLs.

Na verdade, as CEPOLs não são *organizações*, mas representam uma espécie de “alma” *ético-político-laboral* de múltiplas organizações propiciadoras desses arranjos, tais como, empresas, sindicatos, cooperativas, universidades, escolas, associações profissionais e tantos outros *entes sociais*. Atuando na malha organizacional desses *entes sociais*, as CEPOLs são importante “fator de coesão comunitária” daquelas organizações que integram sociedades estruturadas segundo o moderno viés burocrático-racional e não comunitário. Cite-se como exemplo notório do terrível contexto de pandemia do COVID19 que vem assolando o mundo inteiro neste ano, a imensa *mobilização pessoal e comunitária* dentro de *organizações de saúde* em geral, muito além das simples rotinas burocráticas de atendimento, sacrificando-se para salvar a vida de milhões de infectados pelo vírus. Como negar a emergência dessas CEPOLs efetivas da área de saúde nesse contexto? Em geral, as CEPOLs não são compostas por todos os integrantes de suas organizações-suporte, mas por um número mais reduzido de voluntários que se revelam, ao mesmo tempo, sujeitos éticos, cidadãos políticos, trabalhadores e dirigentes livres e racionais, capazes de maximizar caminhos positivos de transformação coletiva e pessoal.

Reconhecemos, pois, como CEPOL *autêntica* aquela que apresenta efetivo entrelaçamento de relações éticas, políticas e laborais, dentre outras, para a construção da civilização

14 LIMA VAZ, Henrique C. de. “O problema da comunidade ética” (pp. 139-151) in *Escritos de Filosofia III – Filosofia e Cultura*, São Paulo: Loyola, 1997b, p. 144.

do *bem viver*, nas dimensões *ad intra* e *ad extra* das relações com sua organização de suporte e com instâncias diversas do seu entorno social. É, para nós, de forma proeminente, nesse campo da vida ético-político-laboral das comunidades que se viabiliza a afirmação pessoal e coletiva da *dignidade humana*, imperativo fulcral do processo dialético de *humanização* destacado na tese. O ideal de *humanização* do trabalho e da tecnociência desagua nas lutas pela afirmação da *dignidade da pessoa humana*, características das *CEPOLs*, na superação progressiva daquela famigerada *tragédia no ético*. Acrescente-se que o caráter *compreensivo* da ética vaziana concebe a *dignidade humana* entrelaçada com as exigências de *justiça social* e o cuidado com os *ecossistemas* do planeta.

A noção de *CEPOLs* descoberta e explicitada na tese pretende ser um aporte conceitual de enriquecimento da filosofia vaziana. Sem a ampliação semântica que operamos no conceito vaziano de *comunidade ética*, agora abordadas como *CEPOLs*, não há espaço para a afirmação da relevância e da pertinência do indispensável articulação ético-comunitária nas sociedades contemporâneas da civilização tecnocientífica individualista e produtivista.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Nosso estudo levou muito a sério a necessidade de integrar historicamente momentos e períodos críticos de interlocução vital de Lima Vaz com significativas situações concretas e *conflitos éticos, sociopolíticos e eclesiais* de alcance mundial e atinentes à realidade brasileira. Por intermédio de aprofundados estudos dos maiores pensadores da filosofia e das ciências, ele produziu marcantes contribuições. Soube, como poucos, potencializar as oportunidades de amadurecer sua personalidade humana, intelectual e religiosa em benefício da sociedade, da cultura humanística e da vida eclesial.

Nossa percepção da prioridade existencial vaziana do ético corrobora a pergunta chave do doutorado da professora Cláudia Maria Rocha de Oliveira, publicado em 2012, sobre a filosofia da pessoa em Lima Vaz¹⁵. Ela sustenta que “a filosofia de Lima Vaz (...) pretende em toda a sua extensão - e não apenas durante um período determinado de sua produção (até meados dos anos 1970, por exemplo) -, estabelecer a “relação necessária (...) entre metafísica e ética”. Realça que, nesse aspecto, *não existe metafísica sem ética*. É nesse sentido que a vida e obra de Lima Vaz a partir de sua identidade de “cristão preocupado com os desafios do seu tempo histórico”, assume “como tarefa refletir a respeito dos desafios que inquietam” a existência das pessoas. Por isso mesmo, em Lima Vaz, a “filosofia realista da pessoa (...) pressupõe necessariamente a *ética*”. E assim necessita trilhar, nas palavras de Lima Vaz o “caminho que possui como *ponto de partida* ‘um nó aporético no terreno das representações e dos valores no qual se agitam os homens’” imersos nas interações sociais do tempo histórico¹⁶.

15 OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*, São Paulo: Loyola, 2012, 226 pp. Orientada na Pontifícia Universidade Gregoriana pelo prof. Dr. Paul Gilbert.

16 OLIVEIRA, *Metafísica e ética*, 2012, pp. 275-276 e 278-279.

A profunda *tragédia no ético da modernidade contemporânea*, agravada pela hipertrofia tecnocientífica cooptada pelo capitalismo informacional financeirizado, ainda está muito distante de uma superação cabal. Contudo, o capítulo final da tese, recorre a importantes escritos da fase madura de Lima Vaz para reafirmar sua confiança no papel crucial do *estado democrático de direito*, que consideramos protótipo e celeiro de promissoras *comunidades ético-político-laborais (CEPOLs)*. São, em parceria com outras forças positivas do processo de *mutação civilizacional em curso*, protagonistas de uma imensa *suprassunção da modernidade* em suas melhores conquistas e valores¹⁷. Buscam a realização de uma *modernidade madura*, isto é, uma *civilização do bem viver* aberta aos influxos transformadores do *humanismo integral personalista* permeado de solidariedade fraterna vivida.

REFERÊNCIAS

- BRAZIL, Luciano Gomes. “Do ‘conhece-te a ti mesmo’ ao ‘torna-te o que tu és’: Nietzsche contra Sócrates em *Ecce Homo*”, Rio de Janeiro: Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche, v. 5, n° 2, 2º semestre de 2012.
- HOTTOIS, Gilbert. *Do Renascimento à Pós-Modernidade – Uma história da filosofia moderna e contemporânea*, Aparecida, SP: Ideias e Letras, trad. Ivo Storniolo, 2008, 696 pp.
- JAEGER, Werner. *Paidéia – A formação do homem grego*, São Paulo: Martins Fontes, trad. Artur M. Parreira, 2003, 1416pp.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. *A formação do pensamento de Hegel*, São Paulo: Edições Loyola e FAPEMIG, Obra filosófica inédita, 254 pp., 2014.
- _____. *Antropologia filosófica I*, São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- _____. “Categoria da Realização” in *Antropologia filosófica II*, São Paulo: Edições Loyola, 1992, pp. 141-187.
- _____. “Destino da Revolução”, Belo Horizonte: Síntese Nova Fase, 45, 1989, p. 12.
- _____. “Ética e política”, Belo Horizonte: Loyola, v. 10, n. 29, 1983b, pp. 5-10.
- _____. “O problema da comunidade ética” (pp. 139-151) in *Escritos de Filosofia III – Filosofia e Cultura*, São Paulo: Loyola, 1997b.
- _____. *Introdução à ética filosófica I*, São Paulo: Loyola, 3ª edição, 2006, 486 pp.
- _____. “Trabalho e contemplação”, in *Escritos de Filosofia I – Problemas de Fronteira*, São Paulo: Loyola, 3ª edição, 2002, original publicado em 1966, pp. 122-140.
- _____. “Sociedade civil e Estado em Hegel”, Belo Horizonte: Revista Síntese, v.7, n.19, 1980c.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*, São Paulo: Companhia das Letras, trad. E posfácio Paulo C. de Souza, 2009 (original de 1888).
- OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao niilismo contemporâneo*, São Paulo: Loyola, 2012, 226 pp. tese doutoral orientada na Pontifícia Universidade Gregoriana pelo prof. Dr. Paul Gilbert.

17 LIMA VAZ, Henrique C. de. “Destino da Revolução”, Belo Horizonte: Síntese Nova Fase, 45, 1989, p. 12.

PEPPE, Atilio Machado. “Comunidades ético-político-laborais para uma sociedade democrática”, comunicação no XI Colóquio Vaziano sobre “Democracia e Sociedade: conquistas e desafios”, realizado em Belo Horizonte, FAJE – Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, 24 e 25/05/2018, Revista Annales, FAJE, v.3, n.4, 2018, pp. 67-81.

_____. *Trabalho e tecnociência na ética filosófica de Henrique Cláudio de Lima Vaz*, tese doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Perine, aprovada em 05/06/2020, mimeo, 307 pp.